

Pensamento e atuação em benefício do ser humano

A importância de Karl Marx para a social-democracia nos dias de hoje

Andrea Nahles

JULHO 2018

■ Quase 30 anos após o término da Guerra Fria já podemos falar sobre Marx sem sermos logo rotulados. Queremos considerar toda a sua personalidade, o pensador, jornalista, cientista e político Marx, com as suas diversas facetas, inclusive contraditórias. As suas análises e seus pensamentos influenciaram o século XX como nenhum outro, na Europa e no mundo inteiro. Inspiraram a socialdemocracia e abriram o nosso olhar para uma visão realista sobre a essência do capitalismo.

Karl Marx é uma das grandes personalidades de nossa história contemporânea. Por isso, comemoramos o seu aniversário de 200 anos com uma solenidade. Quando vemos as publicações mais recentes nas vitrines – e Jürgen Neffe é somente um entre vários autores – logo fica claro: Marx está “na moda” e isso é muito bom, uma vez que a sua obra está mais pertinente do que nunca. Os esforços em desenvolver o seu raciocínio em uma ou outra direção são proveitosos e geram novos conhecimentos.

Quase 30 anos após o término da Guerra Fria já podemos falar sobre Marx sem sermos logo rotulados. Queremos considerar toda a sua personalidade, o pensador, jornalista, cientista e político Marx, com as suas diversas facetas, inclusive contraditórias.

As suas análises e seus pensamentos influenciaram o século XX como nenhum outro, na Europa e no mundo inteiro. Inspiraram a socialdemocracia e abriram o nosso olhar para uma visão realista sobre a essência do capitalismo.

Karl Marx cunhou a social-democracia que, após as Leis Antisocialistas e até o Programa de Godesberg em 1959, considerava-se em primeiro plano um partido marxista, orientado na ideia de que em algum momento ocorreria o colapso da antiga Ordem com o surgimento de algo novo.

A certeza de uma futura sociedade socialista baseada em Marx incentiva a orientação, a fé no progresso, a vontade de lutar e a comunidade.



Certamente os socialdemocratas marxistas já cedo perceberam que se abriu uma disparidade programática, difícil de ser solucionada: Por um lado, a grande perspectiva de transformação revolucionária, por outro a prática de reformas progressivas orientadas na melhora da qualidade de vida, o “árduo caminho da lesma”, como dizia Grass. Essa disparidade caracterizou também os debates do SPD. Foram debates interessantes. Versavam sobre as metas e o caminho certo para alcançá-las. Nós também precisamos desenvolver uma grande paixão sobre o rumo que queremos oferecer a nossa sociedade.

Hoje o SPD há muito tempo já não é mais um partido de ideologia marxista, mas dentro do pluralismo da sua constituição, as considerações e orientações baseadas em Marx, ainda fazem parte da nossa identidade.

Marx voltou a ser interessante onde o Estado Social, a acensão social, a sociedade de classe média e o valor do trabalho já não são mais a regra. A dialética de Marx sobre o capitalismo recém inflamado surte efeito: Ele desenvolve por um lado um enorme progresso tecnológico-econômico, o bem-estar da modernidade. Por outro lado, ele sujeita as pessoas a essa situação, gera crises, perda de controle, estranhamento, exploração, desigualdade, concentração de poder e destruição da natureza. Marx analisou a maximização do lucro ancorada em estruturas, o desregulamento e neoliberalismo trazem essa dinâmica interna do capitalismo novamente no plano à tona.

Desde a crise financeira de 2008, as análises lidam novamente com o que Marx denominava de “capital fictício”. Isso na época afetou gravemente muitas pessoas e ainda sentimos os efeitos até hoje. E o conceito de Marx do “mercado global” traz as características do que hoje percebemos como globalização.

Sim, hoje vale a pena olharmos mais de perto o capitalismo digital e Marx. Uma vez que agora existem uma série de desenvolvimentos semelhantes entre a denominada primeira revolução industrial, a qual tanto capturou a atenção de Marx, e a quarta revolução industrial que nos ocupa hoje.

No início da primeira revolução industrial, o desenvolvimento ocorria completamente sem regras, descoordenado, às vezes volúvel e contraditório: o capitalismo mercantil. Com uma combinação de desenvolvimentos sociais, tecnológicos e econômicos desenvolveu-se – como Marx descreve – uma nova forma de produção.

Mas na verdade, esse processo está em curso. Quando essa forma de produção se estabeleceu, havia por um lado um clima de corrida do ouro, ideias geniais e lucros exorbitantes, novos monopólios enormes, uma gritante concentração de poder econômico e por outro lado miséria, insegurança e dependências humilhantes. Somente depois que as trabalhadoras e os trabalhadores começaram a se organizar e se unir, essa exploração “do ser humano pelo ser humano” (Marx) pôde ser superada.

A erradicação do trabalho infantil, a jornada de oito horas, a participação nas empresas e nas fábricas, estabilidade de emprego – tudo isso e muito mais foi alcançado pelo movimento trabalhista. E essa jornada foi inspirada e especialmente motivada por Marx.

O Partido SPD – como Sascha Lobo formulou – assumiu o papel de “partido de enfrentamento de Tecnologia”, que contribuiu para a transformação do progresso tecnológico em progresso social. Hoje – e esse é o meu apelo – essa tarefa é mais atual do que nunca. Hoje temos uma situação semelhante. Somos testemunhas da digitalização e, portanto, da ge-



ração de uma nova forma de produção ou de um novo capitalismo, o capitalismo digital.

Estamos no início desse desenvolvimento, de um desenvolvimento verdadeiramente impressionante. A digitalização permeia todas as nossas áreas de trabalho e de vida. Todas as relações sociais estão se revolucionando – poderíamos dizer com base na teoria de Marx.

E analogamente ao que houve no início da industrialização, temos a sensacional riqueza, monopólios impressionantes em partes globais – Google, Amazon, Facebook, Apple – e uma considerável concentração de poder. E por outro lado presenciamos novas rupturas sociais e formas de exploração indignas. Essas duas faces do capitalismo tão certamente descritas por Marx, evidenciam-se novamente – gerando assim uma nova tarefa de concepção para a socialdemocracia.

Na convenção do partido em Wiesbaden eu destaquei o motivo pelo qual o princípio da solidariedade deverá orientar as nossas ações como social-democratas quando se trata de impor novas regras para o capitalismo digital – colocando assim o progresso técnico a serviço da humanidade. Por que precisamos de um novo lema para uma economia de mercado solidária? As regras da economia de mercado social da época pós-guerra baseavam-se na expectativa de um crescimento sem limites e de um aumento do bem-estar. Com as regras da economia de mercado social, garantimos que o aumento do bem-estar beneficiasse a todos, protegendo contra os principais riscos de vida e permitindo a ascensão por educação independente de gênero, classe ou origem.

Esse modelo está em crise já desde o final dos anos 70. O denominado Efeito Elevador do capitalismo pós-guerra ocidental mudou. Hoje, as pessoas ricas e mais bem remunera-

das chegam no topo enquanto para a maioria dos trabalhadores o olhar não está mais voltado para cima, mas para baixo. Para muitos, a preservação do seu status tornou-se mais importante do que a melhoria do status. E isso acarreta em amplas consequências, infelizmente também para o ambiente político no nosso país.

Hoje vivemos outro padrão de crise: A característica principal do mundo digital e conectado é que os riscos e as crises são mais inesperadas, com uma incerteza ainda maior sobre quem será atingido. Com isso, o mundo se torna difuso; as pessoas sentem uma insegurança difusa. Hoje temos crescimento e insegurança ao mesmo tempo.

A perda da qualificação é uma ameaça tão grande como a perda do emprego, a digitalização revoluciona mercados. E quem ontem ainda acreditava que o seu emprego na Nokia estava seguro, já amanhã segura um Iphone em mãos.

Disruption é o nome dado ao fenômeno – com tanta euforia – pelos precursores libertários do Vale do Silício. A crença de que tudo irá sempre melhorar desapareceu da nossa realidade. É possível que isso mude novamente. Se nós conseguirmos desenhar as regras para o capitalismo digital de tal forma, que esse fascinante avanço técnico venha de fato a favor do ser humano: por exemplo, na forma de melhor assistência médica, a abolição de trabalhos insalubres ou mais recursos a serviço do ser humano. Com mecanismos que permitem a participação de todos nos lucros dessa economia. Isso seria muito bom. Uma ordem econômica solidária significa protegermos com regras e direitos aqueles que geram valores. Sem ainda beneficiar aqueles que obtêm e se aproveitam dos valores de outros. Pois é isso que estamos fazendo no momento.



Uma vez que essa mudança pode atingir qualquer um, até mesmo na classe média bem qualificada, o artesão que trabalha arduamente, a empresa familiar e a trabalhadora altamente qualificada, a ideia de uma comunidade solidária é poderosa. Economia de mercado solidária significa dar segurança e apoio aos outros, mesmo que nós mesmos não sejamos atingidos. Essa promessa de responsabilidade mútua só pode ser dada pela sociedade. É a resposta mais poderosa que podemos dar às mudanças de nosso tempo. Mais forte do que nacionalismo e racismo.

Quem promete tornar o mundo mais compreensível apostando em soluções nacionais e autoritárias só impede um progresso verdadeiro da sociedade, não criando assim garantias, mas o contrário. Marx abordou várias vezes o significado do trabalho. E não somente o papel do trabalho e o respectivo valor agregado inerente para um sistema econômico, mas também o significado do trabalho para cada um como atividade que gera sentido e identidade. E exatamente essas questões estão no foco quando falamos de trabalho 4.0.

Os principais meios de produção já não são mais máquinas e fábricas, mas sim os dados. Os dados são o insumo da provavelmente principal tecnologia integrada de nossa época, a inteligência artificial. Sem dados, nenhum algoritmo consegue aprender. Sem dados não há máquina de busca, não há rede social financiada por publicidade, não há indústria de aplicativos em ascensão, nem indústria 4.0, nem condução autônoma. Quem possui os dados detém o poder. Ao mesmo tempo, o capitalismo de dados tem uma tendência ao monopólio. Plataformas como Google, Facebook ou Amazon são mais atraentes para todos, quando possuem muitos clientes. O “efeito de rede” como dizem os economistas. Esse efeito é problemático, não somente sob aspectos de

competitividade. A questão é, se essas empresas no futuro exercerão poder sobre nós e determinarão o nosso comportamento.

Aqui precisamos de respostas sobre como podemos aproveitar a força produtiva da digitalização para uma sociedade de mercado moderna e solidária. Como seria se, por exemplo, as grandes plataformas a partir de um determinado tamanho tivessem que compartilhar os seus dados – obviamente de forma anônima – com os seus concorrentes. Assim, os dados se tornariam um bem comum para a economia, estabelecendo-se uma verdadeira competitividade. Temos que refletir sobre essa questão: A quem pertencem os dados e a quem eles são úteis? Penso ainda, que a antiga ideia das cooperativas é ideal para a era digital. Assim, as plataformas e os dados não pertencem a um monopolista do Vale do Silício, mas às empresas e aos cidadãos participantes. Estes decidirão sobre as regras do jogo e sobre os dados. Por que os serviços de entrega a domicílio não pertencem aos restaurantes? Ou por que não pode haver uma “cooperativa Facebook”.

Com essas duas abordagens eu não estou tentando oferecer respostas prontas, mas temos que ter clareza da dimensão das tarefas, das perguntas e respostas inclusive – e é isso que assusta – da necessidade de luta inerente. Pois é claro que não ganharemos isso de graça. A transformação de dados em um bem comum ou, pelo menos, a regulamentação destes, será uma enorme batalha por cada milímetro. E é disso mesmo, que estamos falando. Com cada uma dessas medidas será possível colocar o capitalismo digital mais um pouquinho a serviço do ser humano, inserindo e administrando este dentro da sociedade.

Mas também a questão das chances e dos riscos da inteligência artificial e da inerente



necessidade de regulamentação política domina o nosso debate democrático. Pois trata-se novamente – como no início da revolução industrial – de não aceitar passivamente um desenvolvimento, mas de compreender este como provocado pelo ser humano e que pode, em consequência, ser administrado pelo ser humano. Aqui, o trabalho de Marx oferece perguntas e incentivos decisivos, ajuda na análise do capitalismo e de suas forças motrizes.

A utopia de Marx que cada “associação na qual o livre desenvolvimento de cada um seria uma condição para o livre desenvolvimento de todos” que eu vejo aqui em um dos banners, provavelmente permanecerá um sonho. Mas é um sonho positivo. E pode ser um lema para as atividades diárias de reformas, a solidariedade vivida, a qual tanto precisamos em nosso país e que esperamos que estimule mentalmente o nosso processo de renovação.

O presente texto é um trecho do discurso de Andrea Nahles por ocasião da comemoração “200 anos de Karl Marx” da diretoria do SPD em 5 de maio de 2018 em Trier.



Autor

Andrea Nahles é presidente do partido do SPD bem como presidente da bancada do SPD no parlamento. Anteriormente ocupou o cargo de Ministra Federal do Trabalho e de Secretária Geral do SPD.

Responsável

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil
www.fes.org.br

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-9565-039-8

